

UM PSICANALISTA DE FORA EM JUIZ DE FORA: ENTREVISTA COM CARLOS EDUARDO LEAL¹

Gabriel Aquino Nascimento Gabeira²

Thiago Menezes Moreira³

Mariana de Oliveira Figueiredo⁴

Maria Gabriela dos Santos Fagundes⁵

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente⁶

Entrevistadores: Queríamos começar pedindo para que você falasse um pouco sobre a sua formação em três sentidos: a universitária, a psicanalítica e a artística.

Carlos Eduardo Leal: A gente tem quantas horas? (risos). Eu sou psicólogo e psicanalista – psicanalista *lacaniano*. Comecei em duas frentes, digamos assim, em dois lugares -- isso é lá nos anos 1980-1981, quando eu me formei: 1) na antiga Sociedade de Estudos Psicanalíticos Latino Americanos (SEPLA) e; 2) ao mesmo tempo na Clínica Social de Psicanálise Anna Katrin Kemper.

CLÍNICA SOCIAL, O ENCONTRO COM MICHEL FOUCAULT E HÉLIO PELLEGRINO

Carlos Eduardo Leal: Naquela época estava meio em moda, em voga, a psicanálise de grupo. Então, eu fui ver o que era uma clínica social. Era pioneira essa clínica. A gente oferecia uma hora de atendimento, era psicanálise em grupo e em troca nós que éramos jovens recebíamos supervisão e grupo de estudo. Foi muito importante para minha formação, eu tive supervisão com a nata dos psicanalistas do Rio de Janeiro: Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas, João Batista Ferreira. E pude estudar também o [Wilfred] Bion, Melanie Klein, [Sándor] Ferenczi. Autores que só quem fez uma análise kleiniana estudou Klein, só quem fez uma análise ferencziana estudou Ferenczi e lá a gente podia estudar de tudo. Era uma experiência extremamente rica na clínica

¹ Texto produzido pelos membros da Liga Acadêmica de Psicanálise como exigência anual do Centro de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: gbrakvn@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: thiagommoreirapsi@gmail.com

⁴ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: marianafigueiredo437@gmail.com

⁵ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: mariafagundes555@gmail.com

⁶ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e docente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: rcastelo@bol.com.br

social: ela tinha um departamento infantil, de adolescente, de adulto e um só para psicose que era o Núcleo de Atendimento Terapêutico (NAT). Lá eu encontrei frente a frente Michel Foucault. Ele foi visitar a clínica e deu uma palestra na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) que foi transformada em livro que se chama *A verdade e as formas jurídicas* (1973/1996). Claro que eu tremia que nem vara verde, é uma emoção inenarrável.

Entrevistadores: Foi nessa palestra que disseram a ele que deveria conhecer o Hélio Pellegrino?

Carlos Eduardo Leal: Isso. Aí ele foi à Clínica Social e conheceu o Hélio Pellegrino.

Teve um congresso e acho que foi a primeira proposição política da psicanálise: lançaram um livro que era *Psicanálise, política e instituições* – algo assim – em que pessoas apresentaram textos que foram publicados nesse livro. Teve uma fala do Michel Foucault, ele fez uma palestra à parte que se chama *A verdade e as formas jurídicas*. O Hélio Pellegrino também tinha uma pauta de esquerda e era época da ditadura. O filme *Ainda estou aqui* (direção de Walter Salles, 2024), não sei se vocês viram, mas é fundamental e necessário.

Então, eu fiz minha formação na SEPLA que era essa sociedade no Leblon. Eu moro em Niterói, onde sempre morei. Eu fiz análise com o João Batista Ferreira. Era interessante porque eu fazia análise individual com ele e fazia análise em grupo. Eu atendia em grupo na Clínica Social, eu queria saber como era essa experiência. Na época era em Copacabana e a gente não cobrava nada. Eram professores universitários, filósofos, desempregados, uma plêiade de gente assim super interessante que fazia o grupo. O grupo precisava ser mais ou menos homogêneo, assim se pensava o Bion. Era uma forma de, digamos, equalizar, equilibrar as falas dentro do grupo. Eu me submeti à análise de grupo e fazia assim também a psicanálise de grupo.

FORMAÇÃO LACANIANA

Carlos Eduardo Leal: Ao mesmo tempo também, fui para a Letra Freudiana estudar com Eduardo Vidal. Não era nem Letra Freudiana ainda, era um grupo de estudos que ele tinha para ler *A carta roubada* (Lacan, 1955/1998). Depois

de terminar a formação na SEPLA, veio à Escola de Psicanálise de Niterói. Tinham dois psicanalistas argentinos muito bons, que eram Anabel Salafia e Norberto Ferreyra. Nós trouxemos, através do Norberto Ferreyra e da Anabel Salafia, a Catherine Millot e o Gérard Pommier. Catherine Millot lançou um livro recente *A vida com Lacan* (2017). É maravilhoso lê-lo. A Catherine Millot veio à Niterói várias vezes.

Depois eu fui para uma instituição que se chamava Corte Freudiano. Lá tinha o Romildo do Rêgo Barros, o Antonio Quinet, a Maria Anita Carneiro Ribeiro que coordenavam. E o Corte Freudiano ficou até a formação da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), da qual fui membro fundador.

FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Carlos Eduardo Leal: Quando eu estava no Corte Freudiano, eu comecei o mestrado em psicanálise na PUC-Rio. A minha tese foi sobre *a análise do desejo e o desejo da análise*. Quem me orientou foi a Circe Navarro Vital Brazil. Acho que foi em 1983, sei lá. Eu não sei mais.

Entrevistadores: Temos as datas aqui. Foi 1983 até 1986. Pesquisamos um pouco sobre você.

Carlos Eduardo Leal: Vocês são meu alter ego hoje. (risos) Sensacional isso! Sempre quando eu quiser lembrar eu vou ligar para vocês.

Ao mesmo tempo eu comecei a dar aula e fui supervisor na Universidade Estácio de Sá, no Rio. Dei aula para a primeira turma que se formou, que me convidou para ser o paraninfo da turma. Eu dava muitas aulas lá, era uma época de dificuldade financeira. Era uma época em que eu chegava lá para dar aula de sete à meia e ao meio-dia, saía correndo e ia fazer análise com o Romildo em Copacabana. Saía da análise e ia para a PUC-Rio fazer o mestrado, saía da PUC-Rio e voltava para atender um ou dois pacientes em Niterói e voltava para o Corte Freudiano em Ipanema para fazer a formação. Isso tudo num dia só. E eu dava aula terça, quinta e sexta.

Entrevistadores: Pensando em sua trajetória, Catarina Kemper e Hélio Pellegrino eram dissidentes da IPA [Associação Psicanalítica Internacional] e a PUC-Rio na época... já tinha a presença de psicanalistas interessados em Lacan? Você falou do encontro com Eduardo Vidal e

sobre a participação no Corte Freudiano. Houve uma transição de instituições pós-freudianas e um encontro com Lacan. Nessa transição você sentiu alguma represália ou retaliação das associações mais ortodoxas?

Carlos Eduardo Leal: Então, deixa eu voltar um pouquinho. Quando eu fui fazer faculdade, eu fui fazer engenharia. Nada a ver comigo. Eu detestava matemática, mas eu gostava do raciocínio lógico. No vestibular, eu ia para biblioteca ler sobre lógica matemática, ler sobre física... *Ler, não fazer* exercícios. Eu sempre detestei matemática. Aí eu pensei: “meu caminho é esse de estudar engenharia”... mas, não. Eu só tirava um, dois na prova de cálculo. Aí eu pensei: “não fico aqui nem mais um segundo!” (risos)

Eu comecei a estudar Freud com uma freudiana, que era a Mariazinha (Maria Aparecida Viana), amiga da minha mãe. Ela era psicanalista e tinha um consultório emblemático em frente a PUC-Rio, nessa época política em que aconteciam muitas coisas. Era uma *pièce de résistance*, quase que um aparelho ideológico de resistência. Conversando com ela, ela disse: “Você não quer estudar psicanálise? Eu tenho um grupo de estudos”. Então, eu comecei a estudar só Freud, antes de fazer Psicologia.

Eu estudei na Universidade Gama Filho, não existe mais. Na faculdade, eu já tive ótimos professores de Lacan e de Linguística, que tinham uma relação grande. Tive uma professora de Linguística que era um absurdo de inteligente. Ela foi perseguida, naquela época a gente era perseguido. A gente era fotografado e dizia que não ia se render. Tinha um bordão da União Nacional dos Estudantes (UNE): “a UNE somos nós, nossa força e nossa voz!”. Eu era ligado a isso. Nos reunimos no evento da PUC-Rio e fomos perseguidos. O exército tomou a faculdade e ficamos acuados lá dentro. Junto mais ou menos desse movimento aí do Foucault. A gente saiu no corredor polonês, era um terror. Medo absoluto. Eu acho que isso faz parte da minha formação. *Contra o que você luta?*

Vocês perguntaram qual foi a resistência... Eu acho que não teve muita porque eu já vinha estudando Lacan. Eu comecei a ler um livro que é Para compreender Lacan do Jean Baptiste Fage (1971). Eu já tinha interesse pela questão estruturalista de Lacan. Eu não cheguei a fazer uma formação kleiniana,

participava de grupos apenas. Na verdade, sempre fui meio rebelde, pensar na questão humana para mim era uma sequência. Pensar nessa questão do sujeito – Quem é o sujeito? Qual é a implicação do sujeito no mundo moderno? – sempre foi uma questão. Então, a passagem para uma análise lacaniana que tem essa abertura, que tem essa relação com o mundo moderno e essa interlocução com outros saberes para mim foi muito natural, foi muito tranquilo.

O ENCONTRO COM JUIZ DE FORA A PARTIR DO CENTRO DE ENSINO SUPERIOR (CES/JF)

Carlos Eduardo Leal: Depois do meu mestrado, teve um congresso em Juiz de Fora que eu fui apresentar não um, mas dois trabalhos. Eu estava mais ou menos pesquisando o tema do congresso. Um dos trabalhos eu lembro o nome: se chamava “*O objeto abjeto*” e falava exatamente do incômodo, da questão do objeto a, mas também do incômodo do sujeito diante do mundo, diante do seu sofrimento. E dessa minha ida à Juiz de Fora, surgiu um convite para dar um grupo de estudos e supervisão. Eu comecei a dar um grupo de estudos no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e no consultório da Regina Castelo, mas atendia no consultório da Rita Mota. Sempre dei e continuo dando um seminário aqui em Niterói. Para mim foi uma continuidade dar um seminário de psicanálise em Juiz de Fora.

Um dia, eu propus junto com a Rita Mota abrir um mestrado em Juiz de Fora. Foi criado o programa, eu dei aula aí durante um bom tempo. O mestrado aconteceu, essas turmas aconteceram e eu tive uma transferência, não só os alunos tiveram. A primeira turma eram os professores do CES/JF: Regina Castelo, Rita Mota, Elenice Fávero, Vera Helena Barbosa Lima, José Eduardo Amorim, Cláudia Richa... Todo mundo que dava aula no CES/JF foi fazer o mestrado, era a primeira turma. Era uma relação de muito carinho, muita amizade, muita transferência.

Uma pessoa que fazia grupo de estudos comigo pediu para fazer análise. Eu disse que não porque morava em Niterói. Uma coisa é você dar aula no lugar, ter férias de julho, dezembro, janeiro... Aula é de quinze em quinze dias no mestrado, não precisava ir toda semana, etc. Análise é esse comprometimento ético que a gente tem de estar sempre ali com o sujeito. Então, eu sempre pensei que não atenderia ninguém em Juiz de Fora. No entanto, ela disse: “Mas não

tem ninguém aqui com quem eu possa fazer análise porque eu conheço todo mundo aqui, eu sou amiga de todo mundo!”. Embora ela não fosse de Juiz de Fora, era de uma cidade próxima. Ela é psicanalista e conhecia todo mundo. Esse argumento me fez abrir uma porta. Eu falei com a Rita Mota e ela falou: “claro!”. Rita Mota é de uma gentileza, de uma generosidade ímpar. Um psicanalista de fora, na cidade que se chama Juiz de Fora. Quando eu abri uma portinha, um horário, todo mundo ficou sabendo e de repente eu atendia de nove da manhã às seis da noite.

Como eu atendia direto, torna-se esse compromisso de ter que ir à cidade toda semana e Juiz de Fora ficou sendo minha segunda cidade. E é minha cidade do coração. Faz parte da minha formação.

A ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Entrevistadores: Retomando a questão da formação analítica, você disse ter sido um dos fundadores da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

Carlos Eduardo Leal: Isso. Eu fui um dos membros fundadores da Escola Brasileira de Psicanálise. Quando a Escola se formou, eu fiz o *passé*. Eu fiz um *passé* que na época se chamava *passé de entrada na Escola*. Eu fiz o *passé* e entrei através do *passé*.

Só que eu continuava nessa coisa louca de trabalhar de segunda de manhã até sábado à noite e voltar para casa domingo e... Ufa! Respirar o domingo e continuar trabalhando na segunda de manhã. Eu bati na estrada duas vezes de carro por cansaço, por sono. Na segunda vez eu quase morri. Eu falei: “eu tenho que começar a parar alguma coisa se não a vida vai me parar”. É rota, pulsão de morte, sei lá o que que era de tanto trabalho. Eu saí da Escola Brasileira de Psicanálise primeiro e depois o mestrado aí acabou. E como o mestrado acabou, eu fui também saindo do consultório aí e fui ficando só com o consultório em Niterói. Então já não estava mais na Escola Brasileira de Psicanálise, não estava mais em Juiz de Fora.

TESE DE DOUTORADO

Carlos Eduardo Leal: Eu fiz um doutorado em psicanálise de 1992 a 1997. Eu entrei para fazer o doutorado sobre o feminino e o Real em Clarice Lispector. Eu amo Clarice Lispector! A minha orientadora, que foi minha orientadora no

mestrado, a Circe, em seis meses teve um câncer e morreu. Todos nós orientandos dela ficamos desolados. A Circe era uma pessoa elegantíssima, de uma fineza intelectual absurda. Ela era uma filósofa de formação, mas tinha uma grande leitura de Lacan e de Clarice. Ela era minha interlocutora para falar de Clarice. E aí eu costumava brincar e dizer que eu saí de uma questão de Freud para outra questão de Freud. Freud tem duas questões fundamentais: 1) O que quer uma mulher? e 2) O que é um pai?. Aí eu saí de “o que quer uma mulher?” para falar “o que é um pai?” e fui escrever *Em nome do pai: um estudo sobre culpa e angústia* (1997). Psicanálise, filosofia e religião. [Søren] Kierkegaard, [Martin] Heidegger e Santo Agostinho. Queria entender essa coisa que nos aflige tanto, queria entender sobre a culpa e a angústia. É uma questão freudiana e é uma questão lacaniana. Lacan a retoma no Seminário 10.

Eu pinto, escrevo e tenho onze livros publicados: todos de romance, ficção e poesia. Nenhum de psicanálise. Fui rever esse ano minha tese de doutorado depois de tantos anos e me surpreendi: Caramba, esse negócio é atual!. Eu posso reescrevê-la e pensar em publicar. Tá aí para ser publicada com mais dois livros que eu estou escrevendo.

FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Carlos Eduardo Leal: Eu nasci na roça, tenho orgulho de dizer que nasci na roça. Essa coisa de se é pequeno tem vergonha de dizer que nasceu na roça... para mim, hoje é uma das coisas que mais me orgulha ter nascido no sítio do meu avô. Eu escrevi um livro chamado *Histórias do sítio do meu avô* (2023), meio que inspirado em Manoel de Barros, em Guimarães Rosa. É influência dos dois. São pequenos contos de um menino de seis anos que está aprendendo a ler. Quem ensina ele a ler é o avô: o menino sou eu e o avô é o meu avô mesmo, meu avô Chico. Mas ler o quê? Ler o mundo, ler as cigarras, ler o pôr-do-sol, ler o riacho, ler a bananeira, ler a gota de orvalho que fica numa folha de taioba... eu achava fascinante!

A minha bisavó era quem me contava histórias de reis, rainhas e dragões e eu transformei isso em histórias. Realidade e ficção, tá?! Por exemplo: eu chego na horta, a horta existe, minha bisavó existia, gostava da terra e eu chego na horta e ela tá com uma pazinha cavucando a terra e eu pergunto: “Vó, o que a senhora está fazendo aí?” Ela leva um susto e fala assim: “Ô meu neto, não era para você

estar aqui”. Eu falei: “Como assim, vó?” O menino fica indignado, ele só tem seis anos, como era pra ele não estar ali? – “O que a senhora está plantando aí?”. Ela era uma contadora de histórias e falava assim para mim: “Eu tô plantando letras que vão crescer, vão virar palavras e são as palavras que eu vou contar para você de noite nas histórias”. Então, tem um mundo lírico, um mundo mágico nessas histórias aí do sítio do meu avô. Que é isso assim, da psicanálise, da literatura. Tem um livro de contos que tá pra sair também que é sobre realismo fantástico, sobre coisas que não poderiam acontecer, mas acontecem. Realismo fantástico.

Desde o início no meu coletivo tinha uma artista plástica que gostava de psicanálise, e no final do seminário ela postava um desenho que ela tinha produzido, um desenho de uma figura humana. As figuras humanas dela são incríveis, todo mundo ficava tocado com as produções da Leila Corrêa, que é uma baita de uma artista plástica do Rio. Eu propus a ela fazer um quadro para cada texto, o livro está quase pronto. Vai ser meio que formato de livro de arte.

Eu tô escrevendo a quatro mãos um outro livro de contos com a minha mulher, que é sobre os elementos da terra: folha, nuvem, pedra... A gente pega uma palavra dessa e escreve a quatro mãos. Eu e ela assim, uma afinação conceitual, uma afinação literária muito legal.

VEREDAS – TRANSMISSÃO EM PSICANÁLISE

Carlos Eduardo Leal: Eu trabalho no consultório e dou um seminário que sempre foi gratuito. Eu dava e sempre dei um seminário aqui em Niterói. Eu alugava um auditório e ele estava sempre legal, sempre cheio. Tinha umas quarenta pessoas que frequentavam o seminário. Até que veio a pandemia. Falaram que tinha a modalidade online e é isso que é hoje.

Tem um significante que me acompanha há muitos anos que é o Veredas, que é o Veredas de Guimarães Rosa – de um livro que me atravessa. Esse significante veredas, que é uma trilha, eu dei o nome para o seminário que eu dou online: Veredas – transmissão em psicanálise. Eu comecei a fazer presencial e pensei “vou dar o seminário dois meses online e depois a gente volta para o presencial”. O seminário, que se chamava O que é um analista?, teve como tema de investigação o Seminário 7 que é sobre a ética da psicanálise. Eu fui a todas as referências do Lacan no Seminário 7, Heidegger

principalmente. Sabe, que nem criancinha tem medo de bicho papão, eu tinha um medo de Heidegger (risos). Eu já tinha lido ele um pouquinho para falar sobre a angústia na minha tese de doutorado. Foi importantíssimo, foi algo exatamente ao acaso porque virou uma pergunta de todos nós: O que é um analista no online? Qual é o lugar da ética do analista?

Os seminários, que duravam um ano, acabaram durando dois anos. E quando foi terminando a COVID-19, as pessoas foram voltando, mas o seminário continuou online. Eu, que tinha quarenta psicanalistas, mais ou menos, que frequentavam, hoje tenho em torno de seiscentas pessoas no Veredas. Uma semana a gente estuda Freud, na outra semana a gente estuda Lacan. É uma leitura comentada e tem gente de todo lugar do Brasil, Canadá, Argentina, Estados Unidos... É legal porque os sotaques são maravilhosos! O Veredas se tornou isso.

Entrevistadores: Queríamos que você falasse um pouco sobre a relação entre psicanálise e universidade. Claro que você falou ao contar sua trajetória, mas pensando agora também nestas discussões que estão sempre reaparecendo nos movimentos diante das tentativas de regulamentar ou tornar a formação psicanalítica uma formação universitária. Essa é uma questão muito cara para nós, visto que nos constituímos em um espaço universitário dentro da Psicologia com o objetivo de acolher o mal-estar acadêmico e reunir aqueles desejantes de saber mais sobre a psicanálise. Reconhecemos a diferença entre o discurso universitário e o discurso analítico.

Carlos Eduardo Leal: Eu acho que você começou a responder: é a questão do mal-estar. Em primeiro lugar, a psicanálise não existe sem o mal-estar. Eu vou ampliar um pouco a tua questão para falar da psicanálise e as instituições.

A psicanálise pega o todo e particulariza, singulariza o universal. Coloca como uma possibilidade de o diferente existir, apesar dos outros. Com os outros e apesar dos outros. Ou seja, cada um tem a sua importância no mundo. Cada um tem o seu lugar singular que precisa existir com o outro. Essa multiplicidade é muito legal. E as instituições... a coisa muito rígida me incomoda. Coisas muito caretinhas me incomodam, mas são necessárias. As instituições de psicanálise são necessárias.

O meu grupo é um coletivo. Tá lá, todo mundo fala. Entra, sai quem quiser, segundo o desejo de cada um. Psicanálise e interlocuções: literatura, teatro, música, arte, cinema, filosofia, antropologia. Eu acredito que a psicanálise não se faz sem isso. Não se faz sem essa interlocução com outros saberes. A psicanálise precisa disso. Eu acredito nisso. Eu costumo dizer que eu preciso da literatura para arejar a psicanálise, eu preciso da arte para arejar a psicanálise, eu preciso do cinema para arejar a psicanálise, da filosofia, da música...

Uma faculdade de Psicologia é fundamental, não é para não existir. É importante que vocês discutam o papel da psicanálise na instituição, na Psicologia. Só que a psicanálise não precisa existir para a Psicologia existir. E a Psicologia não precisa existir para a psicanálise existir. Não sou contra de forma nenhuma a formação do psicanalista e a formação do psicólogo. Eu tenho uma frase que eu costumo dizer: no mundo globalizado a gente tem um excesso de informação e pouquíssima formação. Essa é uma frase que eu repito sempre para os meus alunos. É o mundo moderno, é o mundo de hoje. A gente dá um Google e a gente tem acesso a tudo, mas de uma forma muito rasa. Isso é um perigo. A psicanálise exige muito estudo, exige muita dedicação. Você está trabalhando com a vida dos outros. É a vida de uma outra pessoa em sofrimento que está nas suas mãos. Na transferência o sujeito fica vulnerável. Vocês fazem análise e sabem que a gente fica meio rendido aos nossos analistas. A gente enquanto psicanalista é dotado de poder pelo analista, pelo sujeito suposto saber. Ele supõe que eu sei muito, eu sei como dirigir o tratamento. Esse é o texto de Lacan (1958/1998): não sei como dirigir a pessoa, vou *dirigir o tratamento*. Cada um deve buscar a sua autonomia. Essa autonomia também deve ser pensada dentro da universidade.

REFERÊNCIAS

AINDA estou aqui. Direção: Walter Salles. Brasil: Arte France Cinéma; Conspiração Filmes; Globoplay, 2024.

FAGE, Jean Baptiste. **Para compreender Lacan.** Tradução de M.D. Magno e Georges Lamazière. Editora Rio, 1971.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 1996. (Conferências de Michel Foucault na PUC-Rio de 21 a 25 de maio de 1973).

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. (Texto original de 1958).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7**: a ética da psicanálise (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LACAN, Jacques. O seminário sobre 'A carta roubada'. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1998. (Texto original de 1955).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LEAL, Carlos Eduardo. **Histórias do sítio do meu avô**. Ed. Arte & Letra, 2023.

MILLOT, Catherine. **A vida com Lacan**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2017.

SOARES, Carlos Eduardo Leal Vianna. **Em nome do Pai: um estudo sobre culpa e angústia**. Orientadora: Terezinha Féres Carneiro. Tese de doutorado (Departamento de Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.